

---

**INDICADORES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO  
ECO-RURAL NA BACIA DO RIO ARAGUARI – MG**

**INDICADORES FOR ECO-RURAL TOURISM'S DEVELOPMENT IN ARAGUARI'S  
BASIN - MINAS GERAIS**

*Luciano Zanetti Pessoa Candiotto*

Professor do curso de Geografia – UNIOESTE – campus Francisco Beltrão

**RESUMO:** *artigo pretende relatar, de forma sintética, os procedimentos e os principais resultados de uma pesquisa realizada entre os anos de 1998 e 2000, que resultou na produção de nossa dissertação de mestrado, apresentada ao curso de Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente. Tal pesquisa objetivou identificar os principais recursos naturais da bacia do Rio Araguari, localizada a oeste do Estado de Minas Gerais (Triângulo Mineiro), com destaque para as cachoeiras. Assim, procuramos evidenciar a interação dos aspectos naturais, culturais e econômicos, baseados na análise da paisagem e nas premissas de algumas correntes alternativas de desenvolvimento, condensadas popularmente na idéia de desenvolvimento sustentável. Após identificar e mapear a área, algumas propostas para gestão ambiental calcadas no turismo eco-rural foram definidas, onde indicamos aspectos importantes para organização e efetivação de um turismo correto do ponto de vista ambiental e social.*

**Palavras-chave:** sustentabilidade, turismo eco-rural, bacia do rio Araguari, planejamento, gestão.

**ABSTRACT:** *This paper intends to relate in sintesis the procedures and results of a research done between 1998 and 2000, level mister presented to Pos graduated in Geography in FCT/UNESP Presidente Prudente. The research objectived to identify the principal natural recourses of Araguari's river, located in the west of Minas Gerais State (Triângulo Mineiro), especially the waterfalls. Therefore, we desired to do a job that evidence the interaction of natural, cultural and economic aspects, based in the landscape's analysis and in some alternatives forms of development, condensed in the idea of sustainability. After identify and to map the area, some proposals to environmental management based in the eco-rural tourism will be defined, where we indicated important aspects for the organization and indeed of some tourism environmentally and socially correct.*

**Key words:** maintainable development, eco-rural tourism, Araguari river's basin, planning, management.

## APRESENTAÇÃO

O constante crescimento do turismo no mundo, vem sendo impulsionado pelo processo de globalização da economia, responsável pela expansão de investimentos dos países ricos nos países periféricos, pela circulação de milhares de pessoas, e de milhões de dólares e informações pelo mundo, além de uma série de fatores que vem modificando o espaço em função dos interesses do capital, representado pelas grandes empresas, corporações e instituições transnacionais.

A popularização das informações através das redes de comunicação por computador (Internet), o acesso aos mais variados instrumentos tecnológicos, a queda de fronteiras entre países, formação de blocos econômicos, entre outros acontecimentos, estabeleceram transformações no modo de produção e comercialização, com consequências na economia global e local, no meio ambiente e na cultura das mais variadas etnias do mundo. Tais mudanças refletem-se de forma heterogênea e distinta, porém os agentes e as ações transformadoras são relativamente homogêneos.

De maneira geral, estamos presenciando o poder das empresas de capital estrangeiro nos países periféricos, seja na indústria, agroindústria, comércio ou serviços. Um exemplo dessa apropriação espacial, se dá nas paisagens exóticas e de interesse para a atividade turística, mediante uma série de investimentos em novos equipamentos de infra-estrutura e atendimento aos visitantes como os *resorts*<sup>1</sup>, hotéis, restaurantes, operadoras, empresas aéreas, etc.

O grande número de empregos e a alta receita gerada pela atividade turística, juntamente com as transformações e impactos sócio-espaciais ocorridas nas destinações turísticas, despertaram o interesse pela realização de pesquisas relacionadas ao turismo, nas mais diversas áreas do conhecimento.

Enquanto alguns pesquisadores concentram-se na análise do potencial de recepção e organização de destinações turísticas para a escala global, visando primordialmente o retorno econômico, outros, mais preocupados com as questões ambientais e sociais locais, vêm apontando para a necessidade de uma distribuição mais equitativa dos benefícios econômicos, onde os lucros possam ser revertidos para a melhoria da qualidade de vida das comunidades autóctones e para conservação da biodiversidade.

Assim como outros geógrafos e profissionais ligados às ciências humanas e sociais envolvidos na análise do turismo, esperamos poder contribuir para a busca de um turismo mais ético, que melhore a qualidade de vida das comunidades envolvidas, ao invés de favorecer apenas uma pequena parcela - formada pelos proprietários legais das áreas de interesse turístico, empresários do *trade*<sup>2</sup> e de outros setores envolvidos, bem como políticos inescrupulosos - que são aqueles que geralmente se beneficiam e determinam a dinâmica da atividade turística nos dias atuais.

Desta forma, esta pesquisa procurou identificar as cachoeiras com potencial turístico em parte do curso da bacia do rio Araguari - MG, e

---

<sup>1</sup> Os *resorts* são complexos turísticos que possuem toda infra-estrutura necessária para a recepção, hospedagem e entretenimento dos turistas. A Pousada do Rio Quente em Caldas Novas - GO, é um exemplo de *resort* no Brasil.

<sup>2</sup> Conjunto de empresas compostas por redes hoteleiras, companhias aéreas, operadores, entre outros, que trabalham com a promoção, oferta, comercialização e recepção do turismo na escala global.

apresentar indicadores para o desenvolvimento do turismo eco-rural, que é uma junção do ecoturismo com o turismo rural.

A seguir apontaremos as etapas metodológicas para a realização da pesquisa: algumas considerações sobre a fundamentação teórico-metodológica da dissertação; a caracterização física e do turismo na área de estudo, bem como os resultados e considerações finais da pesquisa. Gostaríamos de enfatizar que muitas informações presentes na dissertação não encontram-se neste artigo<sup>3</sup>. No entanto, procuramos evidenciar os dados mais relevantes para a compreensão da pesquisa e algumas propostas que poderiam viabilizar o turismo eco-rural na região.

## METODOLOGIA

A metodologia operacional foi dividida entre trabalho de gabinete e de campo, mas ambos foram realizados concomitantemente. As etapas de gabinete e de campo estão ordenadas cronologicamente e foram redigidas para que se possa compreender os caminhos percorridos na construção da referida pesquisa. Algumas etapas serão apenas mencionadas, sem maiores detalhes no decorrer do artigo.

As atividades do trabalho de gabinete iniciaram-se com o *levantamento e análise do referencial bibliográfico*, objetivando coletar informações sobre os aspectos físicos e sócio-culturais da bacia do Rio Araguari, bem como definir a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa. Outra etapa consistiu no estabelecimento de *contatos com órgãos públicos* dos municípios

de Uberlândia, Araguari, Nova Ponte e Indianópolis, que foi fundamental para identificação das cachoeiras por município.

Os *mapeamentos* iniciaram-se com o *mapa de localização e delimitação da área da pesquisa* (figura 1). Em seguida, trabalhamos com a definição e digitalização da base cartográfica, que teve como referência as seguintes cartas topográficas do IBGE do ano de 1978, na escala 1:100.000: Nova Ponte (SE-23-Y-C-I); Uberlândia (SE-22-Z-B-VI); Miraporanga (SE-22-Z-B-III) e Estrela do Sul (SE-23-Y-A-IV). Os dados de drenagem, principais estradas rodoviárias, áreas urbanas dos municípios envolvidos e a delimitação da área, foram digitalizados em mesa digitalizadora e arquivados no programa Auto CAD R 14.

O mapa de *localização dos rios encachoeirados e das cachoeiras* (figura 3) foi elaborado com base nos dados coletados nos órgãos públicos e nos diversos trabalhos de campo. Através do uso de GPS marca Garmin, modelo 12 XL, traçamos as rotas de acesso e os pontos (cachoeiras, fazendas e outros pontos de referência) de maior interesse, inserindo-os na base cartográfica. A escala de trabalho foi de 1:100.000, porém para apresentação do mapa, optamos pela escala 1:200.000, assim como no mapa das unidades geomorfológicas.

O mapa das *unidades geomorfológicas* foi elaborado a partir da interpretação das imagens do satélite TM/LANDSAT, escala 1:100.000, WRS 221/073 E, bandas 2b 4g 5r, de julho de 1992, e WRS 220/073 C, bandas 3b 4r 5g, de outubro de 1993, retiradas em papel vegetal e

---

<sup>3</sup> A pesquisa completa encontra-se compilada em CANDIOTTO, L. Z. P. *Turismo eco-rural na bacia do Rio Araguari - MG: uma proposta para gestão ambiental*. (Dissertação de mestrado). FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2000.



digitalizadas no Auto Cad R 14. O mapeamento do *uso do solo*, foi realizado a partir das informações obtidas pelo projeto de 'Monitoramento do Uso do Solo e da Cobertura Vegetal da Área de Influência da UHE de Miranda', realizado por pesquisadores do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia para a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais), em 1997. As classes utilizadas em nosso mapeamento foram: mata/cerradão, cerrado, campo hidromórfico, campo sujo, pastagem, cultura perene, cultura anual, cultura irrigada e reflorestamento com caráter comercial. Após coletar os dados no papel vegetal, estes foram digitalizados na escala 1:100.000, porém decidimos apresentar o uso do solo nas áreas de maior potencial, ou seja, nos complexos Indianópolis e Rio Claro, ambos na escala 1:100.000. Tanto o mapa das unidades geomorfológicas como os de uso do solo não constam neste artigo.

Após o levantamento e escolha das cachoeiras, nos ativemos às *propostas de gestão ambiental ligadas ao turismo eco-rural*, com identificação dos principais impactos e dos meios para a elaboração de um planejamento e gestão participativos tendo como base os dois complexos escolhidos (Indianópolis e Rio Claro).

As etapas metodológicas ligadas aos trabalhos de campo, iniciaram-se com as *visitas à área da pesquisa*, onde nos deparamos com a dinâmica das paisagens, os objetos técnicos presentes e a ação antrópica sobre elas. A *coleta das informações das cachoeiras*, foi feita por meio de dados adquiridos via GPS e da elaboração de uma ficha de identificação que foi preenchida em todas as cachoeiras pesquisadas durante os trabalhos de campo.

*A identificação dos principais impactos ambientais ocorridos nas cachoeiras e*

*adjacências*, foi realizada por meio da observação, entrevistas informais, fotos e questionamentos. A *escolha das cachoeiras com maior potencial* se deu em função da grande quantidade de cachoeiras levantadas.

Portanto, priorizamos as áreas com maior concentração de cachoeiras com grande potencial, objetivando a constituição de redes entre as propriedades, que permitissem uma associação ou cooperativa ligada a recepção de visitantes. Consideramos que os menores municípios da área da pesquisa, ou seja, Indianópolis e Nova Ponte possuem melhores condições para o desenvolvimento do turismo com base local. Portanto, algumas cachoeiras desses municípios foram escolhidas para uma análise mais detalhada, e estão inseridas em dois complexos: Complexo Indianópolis e Complexo Rio Claro.

Visando conhecer a qualidade de balneabilidade da água, *coletamos amostras da água para análises* no Laboratório de Tecnologia e Inspeção de Produtos de Origem Animal da UFU. Foram feitas duas análises em cada uma das cinco cachoeiras em Indianópolis e na cachoeira da Fumaça no Rio Claro. As análises indicaram a quantidade de coliformes fecais e totais.

Um *vôo pela área da pesquisa* foi realizado no dia 10 de junho de 2000, utilizando um avião monomotor, e teve como objetivo proporcionar-nos uma visão mais ampla da configuração da paisagem e utilização do solo, bem como fotografar as cachoeiras e paisagens mais significativas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A fundamentação teórico-metodológica da dissertação inicia-se com algumas considerações sobre a 'Importância da paisagem' para a pesquisa

em vários segmentos da ciência, sobretudo na Geografia, porém não abordaremos tal assunto neste artigo.

A segunda parte da abordagem teórica, trata da questão das alternativas ao modelo tradicional de desenvolvimento, onde evidenciamos algumas correntes ligadas à idéia de desenvolvimento sustentável, como a do ecodesenvolvimento (Ignacy Sachs), desenvolvimento sócio-espacial (Marcelo de Souza), bem como a abordagem do professor Enrique Leff, que se fundamenta na racionalidade ambiental e produtividade ecotecnológica. Todas essas correntes discutem o desenvolvimento e a necessidade de maior consideração com as questões ambientais e sócio-culturais, que sempre ficam em segundo plano devido à busca desenfreada pelo retorno econômico.

Historicamente, o crescimento econômico vem sendo considerado o principal indicador do desenvolvimento, contudo entendemos que para haver desenvolvimento, é fundamental equilibrar crescimento econômico com a melhoria na qualidade de vida da sociedade, através de um uso mais racional dos recursos naturais e da justiça social.

Atualmente, o termo desenvolvimento sustentável vem sendo muito utilizado, porém ainda não há um consenso nem uma teoria científica sobre o mesmo, apesar deste ser fundamentado na Agenda 21 da ONU. Preferimos trabalhar com o termo sustentabilidade e turismo sustentável, com o intuito de dar clareza ao texto.

A fundamentação teórica tem seqüência com algumas considerações sobre a denominação turismo alternativo e suas modalidades. Apoiados em outros autores que teorizam sobre a relação Geografia-Turismo, buscamos compreender o que

seria o turismo alternativo e quais modalidades poderiam ser inseridas nessa perspectiva.

Os críticos do turismo de massa vem buscando alternativas para que o turismo possa ser um propulsor da sustentabilidade, objetivando minimizar uma série de impactos decorrentes do desordenado desenvolvimento do turismo, como por exemplo a apropriação e degradação da paisagem e da qualidade de vida local, a padronização e elitização de atrativos que não respeitam o ambiente local e regional, assim como a descaracterização dos costumes e tradições do lugar.

Consideramos que, apesar do poder de atração e transformação do turismo, há um aumento significativo das pesquisas teóricas e principalmente dos estudos de caso que criticam o atual modelo de desenvolvimento turístico e trabalham com a perspectiva de um turismo eticamente correto. Assim, percebemos que a maioria das modalidades de turismo que privilegiam o contato com a 'natureza' e com o meio rural, sobretudo na escala local, tem maior possibilidade de atingir a sustentabilidade.

Na tentativa de estabelecer uma ligação conceitual entre os dois principais tipos de turismo ligados ao meio natural, ou seja, o Ecoturismo e o Turismo Rural, Adyr Rodrigues vem trabalhando com o 'Turismo Eco-Rural'. Este termo, surgiu da constatação de que há uma relação muito grande entre as duas modalidades, e portanto, muitas dificuldades em separá-las. Desta forma, Rodrigues apud. Portuguese (1999, p. 77) considera o turismo eco-rural como:

*uma prática de turismo alternativo ao turismo de massa, que atende aos interesses de pequenos grupos que se deslocam por 'áreas naturais' protegidas, bem como pelos espaços*

*ditos rurais, cujas características fujam aos padrões do 'fenômeno urbano'. (PORTUGUEZ, 1999, p. 77)*

Entendemos que o turismo eco-rural pode concretizar as idéias referentes ao turismo alternativo na escala local, pois está muito próximo à outros tipos de turismo, como o cultural, de aventura e gastronômico, que se devidamente organizados e promovidos, podem ampliar o escopo das práticas turísticas em direção à sustentabilidade.

Rodrigues (2000) também coloca que :

o turismo eco-rural, se bem conduzido, é uma modalidade alternativa e complementar, que poderá ser implantado em municípios interioranos com rico potencial, sem necessitar de grandes empreendimentos, sem mobilizar volumosos capitais, contemplando a escala local, com importantes efeitos sinérgicos na economia em micro-escala.

Acreditamos que a junção feita por Rodrigues (2000), entre o ecoturismo e o turismo rural, é correta e demonstra que diferentes tipos de turismo podem ser realizados em um mesmo espaço, de modo que a separação tradicional pode não corresponder a realidade e a dinâmica de determinadas destinações que oferecem várias atividades em um mesmo espaço.

Acreditamos que a abertura de propriedades rurais para a visitação turística, deve respeitar em primeiro lugar as atividades agropecuárias desenvolvidas e o estilo de vida no campo, pois estas, além de garantir a sobrevivência do agricultor e refletir seu cotidiano, constituem-se em atrativos em potencial. A junção das atividades rurais com a abertura à visitação é denominada pluriatividade, que segundo Carneiro:

poderia realizar-se sob novas formas de organização da produção ou retomada de antigas práticas com novos significados; e através do lazer onde o contato com a natureza é valorizado por um sistema de valores alternativos, neoruralista e antiprodutivista.. (CARNEIRO, 1997, p. 45)

A implantação de várias atividades numa mesma fazenda possibilita ao proprietário correr menos riscos, de modo que este mantenha suas práticas rurais, além de poder aproveitá-las como atrativos turísticos.

Graziano da Silva (1999, p.105) afirma que "somente com as atividades agropecuárias tradicionais hoje não é mais possível ocupar de forma produtiva todas as pessoas que residem no meio rural brasileiro". Desta forma, acreditamos que alternativas às atividades rurais tradicionais, como o turismo eco-rural, a floricultura, piscicultura, fruticultura e criação de animais exóticos, podem dinamizar muitas propriedades que se encontram economicamente estagnadas.

Mesmo com os avanços teórico-metodológicos e científicos no que diz respeito a um turismo menos impactante, e com os documentos apresentados pela OMT e pela EMBRATUR que evidenciam o desenvolvimento de um turismo sustentável, a atual configuração política e econômica dificulta a aplicabilidade das pesquisas deste âmbito.

As mudanças estruturais necessárias, como o incentivo Estatal, o controle do número de visitantes, emprego da população local e, principalmente uma lucratividade reduzida a curto prazo, porém contínua e melhor distribuída, ainda não se fazem presentes na maioria das áreas onde há turismo.



Do ponto de vista científico, além da análise dos impactos advindos do turismo (muito realizada por geógrafos), acreditamos ser necessárias pesquisas que busquem: conhecer os anseios das várias facções da comunidade; os tipos de turismo possíveis e desejáveis; e, por meio de um planejamento e gestão adequados, ordenar a visitação nas áreas com potencial, de modo que os aspectos naturais e culturais, responsáveis pela atratividade, sejam utilizados de forma coerente e sustentável<sup>4</sup>.

Além dos indicadores de sustentabilidade do turismo, se faz crucial o engajamento de outros pesquisadores que apontem as ações mais importantes para o controle dos impactos sócio-ambientais na região, de forma integrada. Acreditamos que a sustentabilidade, seja de forma geral ou no turismo, só pode ser alcançada com um projeto de desenvolvimento conjunto entre, poder público e privado, pesquisadores e a comunidade local.

A politização e participação efetiva das comunidades locais, instrução dos turistas, valorização da identidade cultural e manejo adequado dos recursos naturais surgem como elementos imprescindíveis na implantação de um turismo que visa ser sustentável. Para tanto, enfatizamos a necessidade de um projeto que viabilize novas práticas turísticas, através de um planejamento participativo, com auxílio de uma equipe profissional multidisciplinar, e de uma gestão ambiental compartilhada entre os atores envolvidos.

O planejamento de uma atividade turística sustentável deveria buscar a minimização dos

prejuízos e impactos constantemente presentes no turismo convencional, através de uma nova forma de viajar, onde os turistas aprendessem a respeitar e interagir harmoniosamente com o meio ambiente e a população local. Esta, por sua vez, teria que participar das decisões (plano, política e conselho de turismo) e dos benefícios referentes à atividade (obtenção de empregos, receita do município, acesso aos equipamentos de infra-estrutura, etc). Em contrapartida, as festas, culinária, artesanato, hospitalidade e tradições da comunidade local, devem ser evidenciadas e valorizadas turisticamente, pois representam autênticos atrativos culturais.

A gestão compartilhada seria a concretização das ações planejadas. Esta apresenta-se como tarefa mais complicada no processo de desenvolvimento do turismo, pois exige participação efetiva, consenso, fiscalização e responsabilidade daqueles que participam - direta ou indiretamente - do processo.

## LOCALIZAÇÃO DA ÁREA

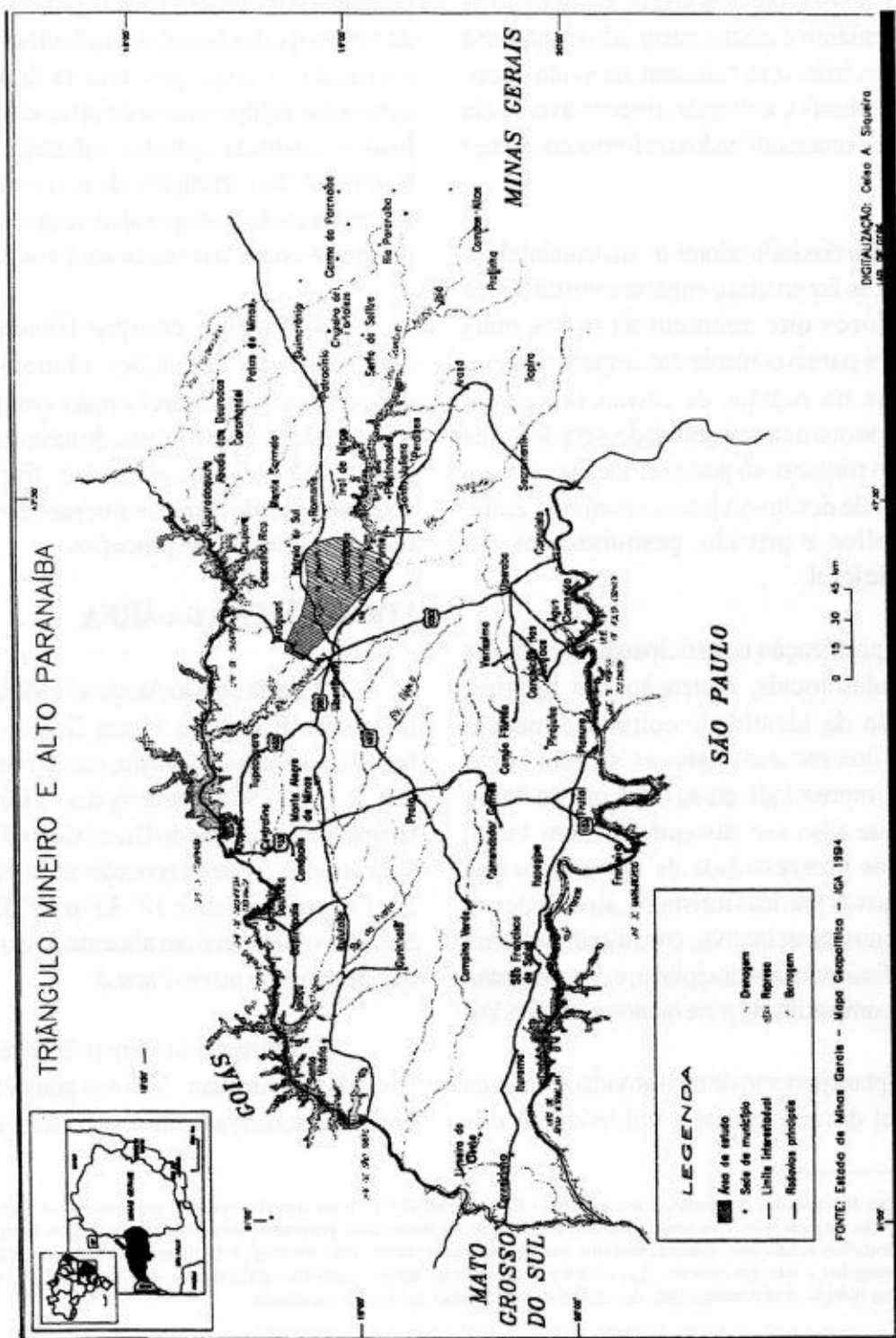
A bacia do Rio Araguari - MG, localizada a oeste do Estado de Minas Gerais, na micro-região do Triângulo Mineiro, encontra-se, segundo AB'Saber (1971) dentro do "Domínio dos Chapadões Tropicais do Brasil Central recobertos por cerrados", entre as coordenadas 47° 30' a 48° 30' longitude Oeste e 18° 45' a 19° 15' latitude Sul. O rio Araguari é um afluente do rio Paranaíba, que desemboca no rio Paraná.

Em virtude da dimensão e extensão da Bacia do Rio Araguari - MG e da grande quantidade de afluentes, onde situam-se as maiores cachoeiras,

<sup>4</sup> Sabemos das dificuldades referentes a um consenso teórico-metodológico no que diz respeito ao conceito de desenvolvimento sustentável, que por sua vez, vem sendo utilizado no discurso de instituições governamentais, políticos, empresas privadas e também no meio científico-acadêmico. Entendemos que muitos utilizam o termo para promoção de diversas ações que geralmente visam interesses próprios e não em comum. Apesar do uso abusivo do termo, estaremos utilizando-o com o intuito de mostrar que os caminhos em direção à sustentabilidade dependem de importantes mudanças estruturais.

considerou-se coerente delimitar a área de estudo a partir da barragem da UHE (Usina Hidrelétrica) de Nova Ponte, até o córrego Pedra Grande, perto do reservatório da UHE de Itumbiara. A área pesquisada foi denominada médio-baixo curso do

Rio Araguari, com aproximadamente 2776 Km<sup>2</sup>, e abrange parte dos municípios de Indianópolis, Uberlândia, Nova Ponte e Araguari, além do distrito de Tapuirama. A figura 1, traz o mapa de localização da área de estudo no Triângulo Mineiro.





## CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

A área da pesquisa, encontra-se, basicamente, sob os sedimentos da cobertura Cenozóica, depositados sobre os arenitos da Formação Marília, que por sua vez, recobrem as intrusões basálticas da Formação Serra Geral. São nas rupturas do basalto que se encontram as grandes cachoeiras da região. Abaixo da Formação Serra Geral e perto da foz dos afluentes do Rio Araguari, surge o maciço das rochas metamórficas cristalinas do Grupo Araxá, com presença de gnaisses que formam uma série de pequenas corredeiras.

Os principais tipos de solo são:

- Latossolo Vermelho-escuro e Vermelho-amarelo - próprios das áreas sedimentares de arenito. Este solo é o mais encontrado na região;
- Solo tipo glei úmico álico e distrófico – também conhecido como solo hidromórfico, presente nos fundos de vale nas áreas de topo;
- Latossolo Roxo, que acompanha as áreas de exposição das intrusões basálticas da formação Serra Geral.

O clima da região apresenta duas estações definidas, sendo elas: invernos secos e verões chuvosos, com precipitação média anual de 1600 mm. Essas duas estações climáticas são responsáveis por uma grande diferença paisagística, observável especialmente na vegetação do cerrado.

Para Goodland e Ferri (1979, p. 165)

a estação seca tem uma duração de três a quatro meses e é pouca coisa mais fria que os demais oito meses da estação chuvosa.(...) Os meses mais úmidos são novembro, dezembro e janeiro, e os mais secos junho, julho e agosto.

Sthraler apud Moreira & Sene (1999, p. 471), tendo como referência a dinâmica das massas de ar, classifica o clima da região como *Clima tropical alternadamente úmido e seco*. Del Grossi (1993) coloca que a média dos meses mais frios (junho e julho) é inferior a 18° e a dos meses mais quentes entre 22 e 24° C. Para a visitação das cachoeiras, o período de abril a outubro é o mais indicado, pois no período de chuvas, o acesso torna-se difícil.

O bioma natural é o Cerrado, que basicamente divide-se em campo limpo, campo sujo, cerrado *strictu sensu* e cerradão. Nas vertentes, onde situa-se grande parte das cachoeiras e corredeiras, predomina a floresta tropical sub-caducifólia (mata de encosta). Em virtude da declividade e vegetação densa, o acesso às cachoeiras torna-se difícil e perigoso.

Nos fundos de vales, encontra-se a mata ciliar ou mata galeria, caracterizada por espécies vegetais que necessitam de umidade, sujeita a alagamentos nas épocas de cheia, mas que nas estações secas permanecem com folhas. Já nos fundos dos vales das áreas de topo, surgem os campos hidromórficos, caracterizados pela presença perene de água, pois são áreas encharcadas com presença de buritis nas veredas.

A ação do homem substituiu boa parte da vegetação nativa por pastagens e culturas, mas ainda restam algumas manchas de cerrado e mata ciliar. Durante os trabalhos de campo, pudemos observar queimadas e desmatamentos ilegais em áreas de Cerrado, porém a fiscalização e punição a essas infrações, apesar da nova lei de crimes ambientais do IBAMA, vem sendo insuficiente e ineficiente.

O Cerrado possui uma rica diversidade de espécies animais, que necessitam das espécies vegetais para sua sobrevivência. Contudo, com o desmatamento e diminuição da vegetação nativa, a fauna regional vem sendo consideravelmente ameaçada. Nas estradas da região é comum ver animais mortos, que se abrigam em pequenas faixas de cerrado presentes nas margens das rodovias em função do desmatamento e da consequente falta de habitats em áreas mais seguras.

A área da pesquisa apresenta culturas anuais, como soja, milho e algodão, e perene (café e laranja), contudo existem várias outras lavouras menores, onde se cultivam hortaliças como pepino, chuchu, abobrinha, tomate, beringela, mandioca, etc. A mecanização da agricultura e o uso de agrotóxicos vêm acelerando o processo de degradação do solo e dos recursos hídricos.

A maior parte da área da pesquisa é ocupada por pastagens para a criação de gado leiteiro e, em menor quantidade, de corte, além das culturas anuais, perenes e irrigadas. As manchas de reflorestamento de caráter comercial e vegetação nativa (cerradão, cerrado, mata galeria) e as UHE's de Miranda, Nova Ponte e Itumbiara, já implantadas, completam a configuração do uso do solo da área.

Ao elaborar a classificação das unidades geomorfológicas do Triângulo Mineiro, Baccaro (1991) considerou a geologia, as formas e o nível de dissecação do relevo, identificando as seguintes unidades geomorfológicas: Área de relevo intensamente dissecado, Área de relevo medianamente dissecado, Área de relevo residual e Área elevadas de cimeira entre 950 e 1050 m, com topos planos, amplos e largos.

Grande parte das cachoeiras da bacia do

rio Araguari ocorrem no contato do relevo medianamente dissecado com o intensamente dissecado. A única unidade que não pode ser observada na área de pesquisa é a de relevos residuais. Assim, nos apoiamos nos estudos de Baccaro (1991), e apresentamos algumas características das unidades geomorfológicas:

#### *A) Área de relevo intensamente dissecado*

Segundo Baccaro, esta área:

Corresponde a borda da extensa chapada Araguari-Uberlândia, estendendo-se até o rio Paranaíba e Grande, que vem sendo intensamente dissecada, entalhada pelos seus afluentes, mostrando vertentes abruptas, corredeiras, cachoeiras, enfim, um contraste com o relevo suave e ondulado dos setores mais interiorizados da chapada. (BACCARO, 1991, p.38)

A porção elevada está entre 700 e 800 m de altitude, com topos aplainados e alongados.

Outra superfície entre 640 e 700 m, é separada da porção elevada por rupturas de declives mantidas por distintos derrames basálticos. Nessa superfície a presença de arenitos do grupo Bauru e sedimentos é bem menor, enquanto as declividades são maiores, entre 25 a 40°, situadas nas rupturas das vertentes e relacionadas ao afloramento de basalto. Os solos são férteis por causa da decomposição do basalto.

A erosão remontante foi a principal esculturadora do relevo nos fundos de vales e, conseqüentemente, das cachoeiras que correm geralmente sobre o basalto da Formação Serra Geral. Esse processo caracteriza-se pelo desgaste do vale em razão de seu nível de base local, que ocorre no sentido foz/nascente. Ao encontrar um substrato mais resistente (basalto) esse desgaste é

barrado através de estruturas denominadas rupturas de declive, que nessa área apresentam-se na forma de cachoeiras e corredeiras.

A vegetação predominante é a natural, sendo em maior parte o cerrado, seguido do cerradão, matas ciliares e de encosta. Isto se dá pelo fato da declividade desta unidade ser maior e, por conseguinte, as terras serem menos aptas ao uso e mecanização agrícola.

#### *B) Área com relevo medianamente dissecado*

Caracterizada por topos nivelados com altitude entre 750 e 900 m, formas convexas e vertentes com declividade de 3 a 15°. Os arenitos da Formação Marília do Grupo Bauru cobrem a superfície da área.

A retirada da vegetação natural nos topos ou chapadas, gera maior instabilidade das vertentes, e conseqüentemente, problemas de erosão e assoreamento, sobretudo nas represas de usinas hidrelétricas. Durante a pesquisa pudemos observar uma série de áreas desmatadas com erosão em sulcos.

Nessas áreas, predominam pastagens, faixas de culturas anuais e a maioria das pequenas culturas de legumes e verduras.

#### *C) Áreas elevadas de cimeira entre 950 e 1050 m, com topos planos, amplos e largos.*

Com uma baixa densidade de drenagem e vertentes com declividades entre 3 e 5° a área encontra-se sustentada por arenitos da Formação Marília com ocorrência de conglomerados, e nos fundos de vale os solos hidromórficos caracterizados principalmente pela presença dos buritis (*butia sp.*).

Essa unidade é a mais utilizada para agricultura intensiva em virtude da facilidade de mecanização das áreas mais planas. São nas propriedades elevadas e com pouca declividade que as grandes lavouras de café e soja são cultivadas, além dos reflorestamentos de caráter comercial. A grande quantidade de água necessária para a irrigação das amplas lavouras de café e soja, seja com o uso de pivôs centrais ou por gotejamento, vem alterando o comportamento do regime hídrico da região, podendo até comprometer a quantidade e qualidade da água disponível.

### **TURISMO NA BACIA DO RIO ARAGUARI-MG**

Apesar da urbanização, tecnificação do campo e número expressivo de usinas hidrelétricas de pequeno porte na área de pesquisa, consideramos que a paisagem predominante ainda é a rural. Para PLA (1994), as paisagens rurais têm a função de produzir recursos agrícolas, florestais ou gado, além de outros usos como o turismo e a educação ambiental. No entanto, as áreas ditas rurais, incorporam rapidamente objetos técnicos do meio urbano-industrial.

Outras atividades decorrentes da ocupação humana e ligadas ao lazer vêm sendo desenvolvidas na bacia do rio Araguari, porém sem um planejamento adequado e visando somente lucro a curto prazo. A falta de espaços de lazer no Triângulo Mineiro contribui para a intensificação do turismo desordenado nas destinações existentes.

Algumas ações antrópicas voltadas ao lazer como a ampliação de pesque-pague, loteamentos irregulares de áreas próximas aos reservatórios das usinas hidrelétricas e às margens do Rio Araguari –



MG, das quais retirou-se boa parte da mata ciliar para construção de casas de veraneio; e a criação de clubes recreativos, que apresentam uma série de equipamentos artificiais muitas das vezes desnecessários, vêm acarretando uma organização espacial altamente descaracterizadora da paisagem e impactante, do ponto de vista ambiental e social. Essas ações são contrárias à proposta de um turismo sustentável, pois o lazer se dá de forma desorganizada e depredadora.

O uso recreativo dos reservatórios das UHE's – nado, pesca, esportes aquáticos, etc - seja em propriedades particulares ou em *campings* abertos à população já foi mais significativo. Um exemplo da queda do turismo pode ser observado na praia pública do reservatório de Nova Ponte, muito utilizada na década de 1990, que encontra-se praticamente abandonada pelo poder público e pouco utilizada pela população.

O fato de já existir uma visitação desordenada em algumas cachoeiras nos afluentes do Rio Araguari, vem ocasionando a intensificação de impactos ambientais, como o despejo de lixo em locais inadequados, retirada de vegetação das margens, erosão, assoreamento e compactação dos solos, além de outros problemas sociais, como roubos e acidentes por descuido e embriaguez, alguns com vítimas fatais.

A maioria dos impactos se dá pelo manejo incorreto do solo, da vegetação, aplicação de agrotóxicos, despejo de lixo, entre outros fatores, que necessitam de medidas conjuntas para sua solução. Um trabalho de conscientização ambiental e técnicas alternativas ecologicamente corretas seria necessário para diminuir a incidência dos danos físicos, químicos e biológicos no meio ambiente.

Durante o período da pesquisa, pudemos conhecer a dinâmica do espaço rural na região,

onde situa-se a maioria das cachoeiras. As grandes propriedades, são geralmente ocupadas com culturas para exportação, como o café e a soja, além das pastagens. Em Uberlândia e Araguari, a agricultura comercial através dos Complexos Agro-Industriais vem se consolidando e, com isso, tecnificando e transformando as paisagens rurais.

As propriedades menores que deveriam buscar novas alternativas, geralmente tentam acompanhar o modelo dos grandes fazendeiros, porém sem o mesmo sucesso, em virtude dos altos investimentos necessários para a manutenção de lavouras de alta produtividade. Assim, várias propriedades estão tendo prejuízo com as atividades agropecuárias, pois não conseguem atingir os índices de produtividade esperados.

Essa situação de descaso, vivida pelos pequenos proprietários e agricultores na região do Triângulo Mineiro e por todo Brasil, exige novas formas de organização e gerenciamento das áreas rurais, pois muitas propriedades não conseguem ter seus produtos comercializados dentro desse exigente mercado 'livre'.

Os quatro municípios pesquisados – Uberlândia, Araguari, Indianópolis e Nova Ponte - possuem características sócio-espaciais distintas, que certamente influenciam na composição política e estrutural do turismo de cada um. A dimensão, população, arrecadação, infra-estrutura, conservação ambiental e diretrizes políticas desses municípios são fatores que determinam as possibilidades e aptidões no que se refere ao desenvolvimento do turismo.

O município de Uberlândia, destaca-se pela maior oferta de equipamentos de infra-estrutura, atrativos turísticos urbanos e pelo setor de serviços na região do Triângulo Mineiro, bem como por concentrar a maioria da demanda. A

posição de pólo regional, propicia a Uberlândia uma grande arrecadação tributária e uma constante e considerável circulação de pessoas e finanças, fatos que contribuem para o desenvolvimento do turismo. Assim, o turismo de eventos e negócios, é a modalidade de maior destaque no município, que faz parte do PNMT (Plano Nacional de Municipalização do Turismo) reconhecido pela EMBRATUR.

O potencial natural do município está nas cachoeiras, reservatório da UHE Miranda, paisagens e piscinas naturais, espalhadas por Uberlândia, mas pouco conhecidas pela população. A cachoeira mais visitada é a do Sucupira, na bacia do rio Uberabinha e fora da área da pesquisa, e encontra-se inserida em uma área de tratamento de água do DEMAÉ (Departamento Municipal de Água e Esgoto).

Vários projetos foram elaborados pela prefeitura visando a melhoria das condições de visitação na cachoeira do Sucupira, especialmente nos fins de semana, porém nenhum deles chegou a ser implantado, e poucas ações foram feitas com o intuito de melhorar os equipamentos existentes, o atrativo, seu acesso e a segurança no local.

Das cachoeiras analisadas em Uberlândia, destacam-se a da Viúva, Marimbondo, as cachoeiras do Ribeirão da Rocinha e aquelas que deságuam no reservatório da UHE de Miranda. A maioria dos proprietários vivem na cidade, tendo nas fazendas uma fonte complementar de renda e utilizando-as como segunda residência, voltada para o lazer.

O município de Araguari também possui o credenciamento do PNMT, e pretende desenvolver seu turismo calcado no potencial histórico e natural, sobretudo nas cachoeiras, situadas nos córregos com abundância de recursos hídricos. Entretanto,

as atividades turísticas do município são basicamente centradas em exposições e feiras agropecuárias.

O agroturismo nos sítios e fazendas, a produção de aguardente e a alta tecnologia empregada na produção do café do cerrado, são opções para o turismo ainda pouco exploradas no município.

As principais atividades agropecuárias de Araguari concentram-se no cultivo do café nas áreas de topo do relevo, ou seja, nos interflúvios das bacias hidrográficas, e no cultivo do tomate. O café e os cafeicultores têm uma representação muito forte na economia regional, porém tal cultura tem como maiores impactos o uso indiscriminado dos recursos hídricos para irrigação e dos agrotóxicos para o controle de pragas.

A dificuldade de acesso faz com que muitas cachoeiras inseridas na bacia do rio Araguari, em Araguari, sejam desconhecidas da população, que prefere as cachoeiras da bacia do rio Jordão, como a do Piçarrão e Boa Vista. Entretanto, das cachoeiras que levantamos, podemos destacar como mais propícias à visitação, as dos córregos Retiro Velho, Pedra Grande e Cocal.

A cachoeira do Mirandinha, no córrego Cocal é a mais visitada, porém seu acesso é mais fácil para a população de Uberlândia. Nela realiza-se o rapel e camping, além do banho e nado na cachoeira. O proprietário não proíbe nem cobra entrada. À montante dessa cachoeira, surge outra, denominada cachoeira do Paulo, mas pelo fato de estar dentro da propriedade e perto da sede da fazenda, é menos visitada.

No município de Indianópolis a ocupação imobiliária das margens do reservatório da UHE de Miranda vem sendo constante. Com a

construção de residências para lazer, principalmente por moradores de Uberlândia, faixas de mata ciliar presentes nas margens do reservatório vêm sendo desmatadas em função do conforto de poucas pessoas. Esses ranchos no reservatório, além de gerar uma segregação espacial entre turistas e moradores, não contribuem para o desenvolvimento econômico do município, pois o consumo dos turistas não é tão representativo para a economia local.

Outro atrativo de Indianópolis, é a festa de aniversário do município, realizada no final do mês de maio, que tem duração de cinco dias. Toda cidade é mobilizada para festa, que tem shows, bailes, desfiles, comemorações religiosas, entre outras atividades.

Apesar do reservatório e da festa, entendemos que o grande atrativo de Indianópolis são suas belas e diversificadas cachoeiras, unidas à tranquilidade encontrada tanto na zona urbana como na rural. Dos municípios pesquisados, consideramos Indianópolis como aquele que detém melhores características para a implantação do turismo eco-rural com base local.

Além das cachoeiras, o potencial para o turismo eco-rural se completa com o pequeno contingente populacional municipal (cerca de 6.000 habitantes), fato que pode facilitar um diálogo democrático e participativo entre os membros da comunidade; boa distribuição entre moradores da área urbana e rural; proximidade das cidades com as cachoeiras; bem como ao considerável número de fazendas e pessoas que vivem no campo e desenvolvem várias atividades agrícolas, culinárias e artesanais. O estilo de vida rural tradicional, necessário para o turismo eco-rural ainda é significativo no município.

<sup>5</sup> CARNEIRO, M. J. Ruralidades: novas identidades em construção. In.: BLUMER, A. *Sociologia Rural*. Lavras: UFLA/FAEPE. 1997. p.41-75.

O município de Nova Ponte possui uma característica diferente de outras cidades da região, em função das transformações ocorridas a partir da instalação da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte. Em virtude do represamento de água para usina, a antiga cidade de Nova Ponte foi inundada. Desta forma, se fez necessária a construção de outra cidade pela CEMIG, que através de um planejamento territorial, desenvolveu toda a infraestrutura necessária para suprir a população.

Durante a década de 1990 a 'nova' Nova Ponte atraiu muitas pessoas da região. Pequenos hotéis e restaurantes foram surgindo na cidade, em primeiro lugar para abrigar os funcionários que construíram a usina, e posteriormente, para os turistas.

Seu grande atrativo turístico é o lago da Usina Hidrelétrica, que, com a criação de uma praia artificial e instalação de sanitários, bares e campings, transformou-se na principal área de lazer do município, mas atualmente encontra-se degradada. A unidade ambiental do Jacob, implantada pela CEMIG, constitui-se em outro atrativo, assim como o museu sobre as riquezas naturais do cerrado e culturais da antiga Nova Ponte.

A área do município que a pesquisa abrangeu foi pequena e apresenta poucas cachoeiras. Por isso, concentramos nossos estudos no Rio Claro, que é muito visitado pela população de Uberlândia, Uberaba e Nova Ponte.

Apesar da potencialidade de algumas propriedades para o turismo, enfatizamos a relevância da pluriatividade<sup>5</sup> nas fazendas, pois o turismo é uma atividade sazonal e de risco, que depende de toda uma infra-estrutura básica para





Das cachoeiras mapeadas, tivemos que selecionar as mais aptas ao desenvolvimento do turismo eco-rural. Entendemos que a escolha das cachoeiras com maior potencial se deu através de parâmetros concisos como o acesso, visitação já existente, beleza cênica das cachoeiras, interesse do proprietário em atividades ligadas ao turismo, qualidade paisagística e ambiental do curso d'água e de seu entorno. Nesse sentido, escolhemos 6 cachoeiras situadas no município de Indianópolis, que foram englobadas no Complexo Indianópolis; e parte da extensão do Rio Claro, entre a BR 452 até o encontro do rio com a represa da UHE de Miranda, chamado de Complexo Rio Claro.

Nas cachoeiras escolhidas nos dois complexos, realizamos análises da qualidade da água, entrevistas informais com proprietários e/ou trabalhadores, levantamento das atividades agropecuárias, dos impactos sócio-ambientais e das possibilidades de gestão através do turismo. Todos os pontos onde coletamos amostras de água apresentaram balneabilidade boa e excelente, segundo padrões da prefeitura municipal de Uberlândia.

O complexo Indianópolis possui características distintas do complexo Rio Claro, pois o primeiro envolve mais de um rio e vários

proprietários. A formação de um grupo de pessoas interessadas no desenvolvimento do turismo no município é fundamental para a discussão e participação de todos no processo. Uma espécie de rede, composta pela prefeitura municipal, proprietários, comerciantes e comunidade local seria importante, pois além de minimizar a concorrência, teria maior força de divulgação, e mais áreas para visitação e recepção adequada dos turistas. A formação do Conselho Municipal de Turismo seria um ponto de partida para o incentivo ao diálogo e consenso entre os atores envolvidos.

Além das atividades turísticas, também consideramos crucial o engajamento da população em atividades de conservação ambiental, como separação e coleta seletiva de lixo, educação ambiental, planejamento das atividades agrícolas, etc.

Os proprietários precisam ser esclarecidos sobre a necessidade da conservação ambiental e paisagística. Somente os equipamentos necessários e adaptados a paisagem devem ser instalados. As medidas tomadas paulatinamente (curto, médio e longo prazo) são muito importantes para o crescimento qualitativo ser superior ao quantitativo. Os investimentos feitos paulatinamente também reduzem os riscos da atividade. O quadro 1 apresenta as principais características das cachoeiras escolhidas do complexo Indianópolis.

QUADRO I - COMPLEXO INDIANÓPOLIS-MG

CACHOEIRA	ACESSO	INFRA-ESTRUTURA E EQUIPAMENTOS	CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM	SITUAÇÃO ATUAL	POSSÍVEIS ATIVIDADES
CACHOEIRA DO IVALDO	A 5 Km da cidade pela estrada de asfalto, entrar na estrada de terra ao lado de um cafezal à dir. (placa Faz. Mandaguari). Seguir mais 5Km em estrada de terra (boa). No fim do cafezal, descer a esquerda até a cachoeira. Acesso fácil à mesma. Carro chega até poço, mas deve ser evitado.	Nenhuma instalação nas proximidades da cachoeira. Área boa p/ camping na margem direita da cachoeira com alguns bancos de madeira. Latão de lixo na cachoeira, mas lixo despejado fora.	A margem esquerda da cachoeira possui uma área de preservação de mata ciliar com 10m de largura. As vertentes do córrego apresentam-se com pastos e cultivos de soja e café. Algumas marchas de cerrado completam a configuração da paisagem.	A cachoeira é muito visitada nos fins de semana. O latão de lixo foi mal colocado, pois está à beira da cachoeira, além de estar sendo mal utilizado, em função do lixo que fica espalhado na área de camping e circulação. Poço da cachoeira é raso e permitido à qualquer um.	Lazer, banho, rapel p/ iniciantes, nado, camping. Sugerimos a realização de visitas voltadas à educação ambiental com escolas e a comunidade em geral.
CACHOEIRA DO QUIOSQUE (OSVALDO)	A 6 Km da cidade pelo asfalto, entrar na estrada de terra à dir. após estrada p/ cach. Ivaldo. Seguir mais 3 Km de estrada de terra sempre à esquerda até fazenda Osvaldo. Estado de conservação da estrada regular. Cachoeira à 700m da sede da fazenda.	Casa sede - construção boa, energia elétrica, água corrente, curral, barracão, casa caseiro simples. Quiosque construído pelo proprietário na base da cachoeira, com cadeiras e mesas p/ churrasco e lazer.	Margem direita do córrego é preservada (mata de encosta), enquanto a esquerda está desmatada e ocupada com pequenas culturas. Apresenta alguns sulcos perto da cachoeira, onde não há vegetação. A fazenda possui pastagens e pequenas áreas de plantio.	Bela paisagem, acesso fácil à cachoeira, porém necessita de melhorias p/ descida em parte da trilha. Proprietário não proíbe visitação. Caseiro cuida da fazenda. Se houver interesse, é possível a pernoite acampado ou reservas p/ fim de semana. Agroturismo também é possível.	Após cachoeira, a faixa de 200m de córrego pode ser um atrativo pela sua beleza cênica e possibilidades de nado e outras atividades. Se houver interesse, é possível a pernoite acampado ou reservas p/ fim de semana. Agroturismo também é possível.
CACHOEIRA DO RAFAEL	A 10 Km da cidade pelo asfalto, entrar na estrada de terra à esquerda. Fazenda a 500 m da pista. Cachoeira a 300 m da fazenda. Estrada bem conservada. Trilha aberta de 300 m, entrada na mata ciliar e caminhada por dentro do rio até poço da cachoeira.	Fazenda com casa sede antiga (reformada), casa de caseiro ao lado, curral bovino e suíno e energia elétrica.	Belas flores plantiadas, criação de porcos e galinhas; 20 cabeças de gado leiteiro; Árvores frutíferas. Propriedade vizinha relativamente conservada, com lavoura de tomate nas áreas de chapada.	Fácil acesso, área p/ possível camping; Lixo visível na cachoeira, porém por despejo de moradores a montante. Proprietários não proíbem visitação nem camping, desde que se recolha o lixo.	Rapel, nado, banho, descida das corredeiras (necessita segurança) Alto da cachoeira pode ser visitado por qualquer pessoa; Descida e trilha por qualquer pessoa, desde que com segurança.

FONTE: CANDIOTTO, 2000.



QUADRO 1 - COMPLEXO INDIANÓPOLIS-MG

(Conclusão)

CACHOEIRA	ACESSO	INFRA-ESTRUTURA E EQUIPAMENTOS	CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM	SITUAÇÃO ATUAL	POSSÍVEIS ATIVIDADES
CACHOEIRA DO BRITADOR	Entrada à direita logo após ponte do Rib. das Furnas, sentido Udi-Patrocínio, na MG 223, a 10 Km do trevo p/ Indianópolis 1 Km de estrada de terra em estado de conservação ruim (sulcos e buracos) - 1 porteira. Trilha boa do topo ao poço - fácil acesso, um pouco íngreme e fechada	Não existem construções perto da cachoeira, apenas alguns latões de lixo.	Margem esquerda - antiga pedreira de basalto, hoje área p/ estacionamento, circulação lateral e camping; Margem direita com vegetação natural conservada; 2 corredeiras acima com piscinas naturais p/ nado.	Cachoeira muito visitada, sobretudo em feriados e fins de semana; Cobra-se 1 real p/ visitação, porém única vantagem é coleta de lixo (que não é adequada) Fazenda arrendada p/ senhor que cuida do gado	Rapel, bóia cross, camping, turismo social e educação ambiental (muito visitada). Cachoeira boa para banho, nado e pesca. Necessário melhorias na estrada de terra.
CACHOEIRA DO JOÃO MIRANDA	BR 465, a 30 Km de Udi e 25 Km de Indianópolis. Entrada em estrada de terra com mata-burro e porteira fechada por corrente. Cerca de 700 m de terra até entrada da fazenda e cachoeira. Trilha aberta até base da cachoeira.	Fazenda com casa sede, barracão, canil, piscina, bem conservado. Proprietário investindo no embelezamento da fazenda através do plantio de árvores nativas e exóticas, além de construir 4 aptos com 8 vagas. Interesse em abertura à visitação e pernoite.	Vertente com pastagem, mata ciliar e mata de encosta; construções bem conservadas. Árvores plantadas estão modificando paisagem. Caminho aberto da fazenda até a cachoeira - carros podem chegar na base da cachoeira, que apresenta espécies de mata ciliar.	Cachoeira boa para banho, nado e pesca. Poucas atividades agrícolas Criação de galinhas, 2 cavalos, cerca de 20 cabeças de gado de corte 1 trator e 1 tanque p/ aguar plantas e árvores.	Melhorias p/ localização da fazenda na rodovia; Potencial p/ turismo rural (cavalgadas, boa sede, outros animais, cachoeiras perto). Proprietário pensa em fazer passarela de madeira até cachoeira.
CACHOEIRA MIRANDÃO	Mesmo acesso p/ fazenda J. Miranda. Da sede da fazenda até cachoeira, 1 Km por pastagem. Travessia de pinguela pelo córrego ou passagem pela água. Descida até cachoeira com trilha íngreme mas aberta (300m)	As instalações mais próximas identificadas foram as da fazenda João Miranda.	Maior e mais bonita cachoeira encontrada na região - córrego Boa Vista, com corredeiras a montante. Cerca de 70 m de altura; Topo com campo sujo, campo limpo e pastagens. Vertentes com mata de encosta e ciliar - anfiteatro preservado e de grande beleza, com rica fauna.	Poço um pouco assoreado; aconselha-se a descida da cachoeira p/ pessoas com boas condições físicas (evitar crianças e idosos) necessário pedir permissão p/ ir até cachoeira.	Um roteiro conjunto com a fazenda e cachoeira J. Miranda é uma boa opção Potencial p/ ecoturismo. Rapel, nado, contemplação da natureza, pesca. Anfiteatro pode ser transformado em reserva

O chamado complexo Rio Claro é constituído pela cachoeira da Fumaça, com aproximadamente de 40 metros, que situa-se próxima a ponte da BR 452, seguido de uma cachoeira menor e várias corredeiras, além da cachoeira do Donizete, a cerca de 2 Km da primeira. Entendemos que a organização entre os proprietários poderia ser facilitada em função do pequeno número de proprietários das margens do complexo Rio Claro, porém um fator complicador diz respeito a falta de diálogo e ao egoísmo da maioria dos proprietários.

A montante da cachoeira da Fumaça existe um *camping*, porém seu manejo não vem sendo adequado aos princípios da conservação ambiental nem vem propiciando a tão desejada tranquilidade e interação com a natureza. Pudemos constatar que o lixo é despejado de maneira inadequada, não há controle nem limite para visitação e as atividades

são artificializadas. Constatamos também que o proprietário do *camping* incentiva as pessoas a não irem até a cachoeira, para que estas permaneçam consumindo em seu estabelecimento.

A beleza cênica e a relativa conservação do Rio Claro poderiam contribuir na transformação da área em algum tipo de Unidade de Conservação, sobretudo RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural), mas tal ação implicaria em uma série de modificações no uso e manejo da área. Caberia aos proprietários e a prefeitura, principalmente de Nova Ponte, buscar ampliar o diálogo e realizar um plano de uso turístico e recreativo para o Rio Claro, muito utilizado pela população, mas bastante degradado devido ao uso inadequado. O quadro 2 apresenta as principais características das cachoeiras do complexo Rio Claro.

QUADRO 2 - COMPLEXO RIO CLARO

CACHOEIRA	ACESSO	INFRA-ESTRUTURA E EQUIPAMENTOS	CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM	SITUAÇÃO ATUAL	POSSÍVEIS ATIVIDADES
CACHOEIRA DA FUMAÇA	A 55 Km de Uberlândia pela BR 452, entrar na estrada de terra ao lado direito da ponte do Rio Claro. Percorrer cerca de 300 m em terra, da ponte até áreas abertas p/ estacionamento e camping, na vertente esquerda do rio.	A montante da ponte existe um camping com infra-estrutura, porém sem controle da visitação. O proprietário da área da cachoeira tem fazenda a cerca de 3 Km da mesma, com sede simples, energia elétrica, curral e cavalos.	A margem esquerda da cachoeira está desmatada, com sulcos e solo compactado, em função da circulação de pessoas. As vertentes têm pastos, campo sujo, mata ciliar e cerrado. A montante da cachoeira, situa-se a BR 452 e um camping particular.	A cachoeira é muito visitada nos fins de semana, mas é deixado muito lixo nas vertentes. Não há controle nem cobrança p/ visitação. Há interesse do proprietário em organizar melhor a área. Cachoeira é perigosa e permite nado acima da queda.	Uma ordenação p/ recepção dos visitantes, com lixeiras, fiscalização, estacionamento, guias, áreas definidas p/ camping, etc poderia ser muito benéfica p/ o turismo no Rio Claro; o canyoning, cavalgadas e nado são algumas atividades com grande potencial.
CORREDEIRAS E PISCINAS NATURAIS	A jusante da cachoeira da Fumaça, do lado esquerdo, há uma trilha na margem do rio, de 2 Km, que vai ficando fechada e íngreme.	Não existem construções perto da cachoeira, mas o Sr. Hilton é proprietário da vertente esquerda, que é onde há a trilha.	A vegetação é bem conservada, inclusive nas nascentes, com mata ciliar e fauna abundante. O Rio é mais claro que os outros. Praia a cerca de 1 Km da cachoeira da Fumaça. Abaixo dessas, surge outra cachoeira e corredeiras.	As corredeiras são menos visitadas que a cachoeira da Fumaça, mas tem para condições acampamentos; O relevo impede o uso agrícola nas margens do rio.	As corredeiras podem servir como atrativo complementar à cachoeira da Fumaça, pois situam-se próximas e não possuem equipamentos. Esportes como nado, bóia-cross, canoagem e mergulho são os mais indicados.
CACHOEIRA DO DONIZETE	Após ponte da cachoeira da Fumaça, seguir mais 1,5 Km até estrada de terra à esquerda. Mais 18 Km em terra, sendo 8 Km em área de reflorestamento, e 10 Km descendo à esquerda do reflorestamento até porteira trancada. Mais 2 Km de estrada até cachoeira.	Fazenda mais próxima com boa infra-estrutura - sede, curral, galpão, casa caseiro. Fazenda Donizete também tem infra-estrutura básica. Ao redor da cachoeira não existem instalações.	Paisagem com culturas, reflorestamentos, manchas de cerrado, solo exposto, pastagens p/ gado, pequenas lavouras e campo sujo. Pequenas faixas de mata ciliar antes da cachoeira. Na cachoeira, as margens são mais preservadas do que em outros pontos do rio.	Deve-se pedir permissão p/ o Sr. Donizete, duas fazendas após a estrada da cachoeira. Ocupação agrícola da vertente direita vem descaracterizando a paisagem, podendo gerar impactos ambientais. Pouca visitação, porém a beleza da cachoeira instiga a contemplação da mesma.	Com uma melhor ordenação, seria possível desenvolver atividades do turismo eco-rural, como o nado no rio, pesca, camping, banho na base da cachoeira, cavalgadas, canyoning, etc. Uso dos recursos naturais e das práticas rurais em conjunto.



Dentro da perspectiva em que estamos trabalhando, não são necessários grandes investimentos para a abertura à visitação, pois deve-se valorizar os equipamentos, práticas e atividades rurais, aproveitando-os para o turismo.

Atividades como cavalgadas, caminhadas, *rapel*, *rafting*, *canyoning*, *mountain-bike*, *bóia-cross*, coleta de frutos, pesca livre ou piscicultura, nado nos córregos, banho nas cachoeiras, trato com animais, unidas à tranquilidade da vida rural, culinária e práticas rurais tradicionais, apresentam um grande potencial para o desenvolvimento turístico da região, devendo ser aproveitadas de maneira coesa e ordenada.

Sem dúvida, quem detém maior poder de decisão sobre o manejo das cachoeiras são os proprietários das fazendas, porém com a participação do município, as ações podem ser planejadas e executadas em conjunto, de modo a permitir um vínculo positivo entre os proprietários e o poder público municipal.

Entendemos que o sistema de reservas antecipadas certamente contribuiria para uma visitação ordenada e administração coesa das áreas com potencial. Defendemos também a cobrança de taxas para visitação, desde que estas sejam acessíveis à população, revertidas em melhorias nas destinações e utilizadas para a remuneração dos funcionários. Multas para as infrações também são opções, que devem ser analisadas.

Para uma gestão correta do turismo na região, enfatizamos a importância da união e parcerias entre os principais atores envolvidos no processo, através de um planejamento participativo, análise periódica das ações planejadas e finalmente, uma gestão compartilhada, onde a população local tenha condições de participar efetivamente do trabalho e dos benefícios advindos do turismo.

Cabe ressaltar que as propostas de gestão deveriam seguir a linha de um planejamento adequado aos interesses do município como um todo. Desta forma, é fundamental o engajamento do poder público municipal para a implantação de um processo democrático e aberto a discussões. A criação e participação do Conselho Municipal de Turismo, composto por representantes de vários segmentos da sociedade, se faz essencial para o êxito da política de turismo local.

Quando não houver interesse nem respaldo da prefeitura sobre tais projetos, o proprietário deve buscar alternativas, como por exemplo, transformar a área com potencial em algum tipo de Unidade de Conservação, sobretudo as RPPN que necessitam de um manejo mais simplificado que as outras U.C.'s.

Sabemos das dificuldades, porém acreditamos que é possível aliar a prática do turismo à atividades de educação ambiental com escolas e com a população em geral, às práticas rurais tradicionais e ao estilo de vida dos moradores do campo, dentre outras possibilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento quantitativo do turismo em todo planeta é algo praticamente inquestionável, porém o modelo vigente vem acarretando sérios problemas ambientais e sócio-culturais, decorrentes sobretudo do interesse primordial de lucro a curto prazo por parte dos empreendedores, e da má distribuição dos benefícios advindos da atividade. Portanto, acreditamos ser fundamental a busca por alternativas a esse turismo tão exploratório e segregador, de modo que haja real valorização e respeito à cultura local e aos aspectos ecológicos do meio.

Os países periféricos em dificuldades

sócio-econômicas e com atrativos turísticos em potencial, poderiam implantar novas modalidades de turismo, que zelassem pela conservação dos recursos naturais, tradições culturais, e inclusive, proporcionassem um retorno econômico satisfatório e bem distribuído. Contudo, a maioria dos países em desenvolvimento insiste em copiar ou permite a instalação do modelo global e padronizado de turismo, com a presença de grandes redes hoteleiras, forte participação do *trade* voltado para demandas elitizadas e, geralmente, uma gestão com predominância dos interesse externos.

Entendemos que as políticas de turismo e de outros setores nesses países, deveriam estar direcionadas à preservação da autonomia de cada nação, fato cada vez mais dificultado pelas leis do mercado global, que por sua vez, são favoráveis à apropriação e exploração das corporações transnacionais de domínio privado sobre paisagens de grande beleza cênica e potencial para o turismo.

Existem muitas pesquisas indicando a importância de se alterar as relações que o turismo proporciona aos visitantes e autóctones, bem como o manejo dos recursos naturais que constituem-se em atrativos turísticos. Princípios da sustentabilidade devem ser inseridos nos projetos de desenvolvimento turístico em várias localidades. Não podemos permitir que a ocupação e gestão do turismo no país seja liderada por empreendedores estrangeiros que não conhecem a dinâmica ambiental, nem estão preocupados com os anseios e problemas das comunidades envolvidas.

A união entre os setores envolvidos é fundamental para uma gestão compartilhada e justa, porém cabe à comunidade organizada, reivindicar dos órgãos estatais o apoio nas fases de planejamento, avaliação e gestão.

Em muitos municípios brasileiros, inclusive

nos da área pesquisada, o interesse das prefeituras é primordial para o êxito do projeto. Através do poder público, atividades relacionadas à educação ambiental poderiam ser desenvolvidas nas áreas com potencial, fazendo com que as crianças e adolescentes conhecessem os atrativos naturais e percebessem a importância de se conservar o meio ambiente.

As reuniões e discussões entre os atores envolvidos são de suma importância na busca da democracia e no consenso sobre a implantação da atividade turística. A presença de profissionais do planejamento, que norteiem as ações dos órgãos públicos e privados e busquem a real participação da comunidade local também é extremamente relevante para o sucesso da atividade.

Os municípios deveriam, em primeiro lugar, preocupar-se com a organização interna para o turismo e, posteriormente, divulgarem as destinações ao público regional. A sobreposição de interesses ou etapas pode prejudicar o desenvolvimento de um turismo comprometido com as questões sócio-econômicas e ambientais. Portanto, antes de qualquer ação, deve haver profunda reflexão sobre os objetivos da implantação do turismo, quem ele vai beneficiar, os impactos que pode gerar, entre outros fatores vinculados ao desenvolvimento local.

Acreditamos que a pesquisa realizada pode contribuir para o turismo na região do Triângulo Mineiro, de modo que procura despertar a consciência de que o bioma Cerrado é muito rico e necessita de manejo adequado à conservação ambiental.

A concepção desenvolvimentista predominante na região estudada, demonstra que existem muitos obstáculos frente a implantação de um turismo ético e sustentável, porém o constante

esclarecimento das pessoas envolvidas e de toda população sobre os benefícios e prejuízos do turismo pode, aos poucos, mudar essa rígida estrutura.

As práticas sustentáveis na região têm que ser buscadas não apenas na esfera do turismo, mas como um todo. Para isso, é preciso que os pesquisadores que trabalham no Triângulo Mineiro unam seus conhecimentos e métodos com um objetivo em comum, ou seja, o de estabelecer parâmetros e indicadores em direção à sustentabilidade ambiental, social e econômica, tanto no meio urbano como nas áreas rurais e protegidas.

Apesar das dificuldades de aplicação das propostas da pesquisa, existem proprietários interessados na abertura de suas fazendas ao turismo, mas de forma separada e aleatória. Entendemos que, antes de se executar algum projeto, é fundamental conhecer os anseios dos proprietários e mostrar a importância do diálogo com as partes interessadas – prefeitura, proprietários de fazendas adjacentes com potencial, trabalhadores rurais e comunidade – e da união entre eles. No entanto, isso dificilmente ocorre nos moldes do turismo convencional.

Sabemos que o desenvolvimento do turismo eco-rural não é tarefa fácil, e exige dos pesquisadores engajamento científico e sócio-político muito grande, pois são eles os responsáveis pelo esclarecimento e mobilização dos envolvidos para a instauração de uma discussão democrática e coerente no que tange o turismo.

No entanto, sem a dedicação e interesse da comunidade em geral, a implantação do turismo nessas áreas seguirá o modelo vigente, onde poucos lucram enquanto muitos sofrem com os impactos decorrentes do inadequado planejamento e gestão da atividade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER A.N. – Contribuição à geomorfologia das áreas de cerrado. In: **Simpósio sobre o cerrado**. São Paulo: EDUSP, 1971. p. 97-103.
- BACCARO, C.A. Unidades geomorfológicas do Triângulo Mineiro: Estudo Preliminar. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia: EDUFU, Ano 03, n.05/06, p. 37-42, jan/dez/91.
- BACCARO, C.A.D. et alli. Os indicadores geomorfológico e o desenvolvimento sustentável nas áreas de cerrado. In: **Agricultura, Meio Ambiente e Sustentabilidade do Cerrados brasileiro**. Uberlândia: 1997. p. 245-256.
- BOLÓS, Maria de (org). **Manual de Ciencia del paisaje: Teoría, Métodos y aplicaciones**. Barcelona: Masson, 1992.
- CANDIOTTO, L. Z. P. **Turismo Eco-Rural na bacia do Rio Araguari – MG: uma proposta para gestão ambiental**. (dissertação de mestrado). FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2000.
- CARNEIRO, M. J. Ruralidades: novas identidades em construção. In.: BLUMER, A. **Sociologia Rural**. Lavras: UFLA/FAEPE. 1997, p.41-75.
- DEL GROSSI, S. R. A dinâmica climática atual de Uberlândia e suas implicações geomorfológicas. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, ano 05, n. 09/10, p. 115-120, jan/dez/1993.
- EMBRATUR. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília, 1994.
- GRAZIANO DA SILVA, J. As novas atividades no meio rural. In: \_\_\_\_\_. **O novo rural brasileiro**. Campinas: UNICAMP/IE, 1999, p. 93-105.



LEFF, E. **Ecología y capital: racionalidad ambiental, democracia participativa y desarrollo sustentable**. Madrid: Siglo veintiuno, 3ª ed, 1998.

MOREIRA, C. T. e SENE, E de. **Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização**. São Paulo: Scipione, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Desenvolvimento do Turismo sustentável: Manual para organizadores locais**. Publicação de Turismo e Ambiente, 1996.

PORTUGUEZ, A.P. **Agroturismo e desenvolvimento regional**. São Paulo: Hucitec, 1999. 127 p.

RODRIGUES, A. B. O turismo eco-rural vai decolar no Brasil 2000. In: **CONGRESSO E EXPOSIÇÃO MUNICIPAL DE ECOTURISMO WORLD ECOTOUR, 2000**, Salvador. *Anais* .... Rio de Janeiro: SRG Gráfica. p 88-92.

\_\_\_\_\_. (org). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997. 207 p.

SACHS, Ignacy. In: BURSZTYN, Marcel (org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

TULIK, O. Do conceito às estratégias para o desenvolvimento do turismo rural. In: **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 136-143.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

HALL, C. e LEW, A. (org). **Sustainable tourism: a geographical analysis**. U.K., 1998.

SOUZA, M. J. L. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. **Território**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, .:p. 13-35, 1997.

Endereço para correspondência:

Luciano Candiotto -

Rua Maringá, 1030 - Francisco Beltrão - PR -

CEP 85.605-010

E-mail: [candiotto@hotmail.com](mailto:candiotto@hotmail.com)